

## Noturno de Olinda

*Álvaro Santi*

Do alto dessa colina,  
onde plantaram mais cruzes  
do que alguém contar consiga,  
não vejo o mar, no momento.  
Perscruto a noite dos tempos,  
vasto horizonte da história,  
em busca de vida, de luzes,  
nem sei se em mim ou lá fora.

O passeio dura pouco,  
mas agrada a companhia.  
E a paz da noite convida  
a partilharmos um sonho.

É então que avisto o par  
– tão jovens – poeta e musa.  
Vão subindo essa ladeira,  
há duzentos carnavais.  
Mesmo luar sobre as palmeiras,  
mesmo perfume do mar...  
A vida, porém, mais dura;  
o amor, quem sabe, melhor?

Seus olhos buscam, ao longe,  
um país que não virá;  
não desse mesmo horizonte,  
onde a aurora se apresenta,  
que cruzaram seus avós,  
fugindo do que houve lá.  
Nenhum deles dois suspeita  
que ele vai nascendo, já.

(cont.)

País sem canga ou cadeias,  
que achará, a duras penas,  
o seu lugar neste mundo,  
ainda não se sabe qual.

Com tanta história e desejo  
quanto lhe pudermos dar,  
com alguma dose de rumo  
e outro bocado de sorte,  
ventos de sul ou de norte:  
certo é que ele existirá.

Poeta e musa sonham com esse dia,  
que só virá depois, muito depois  
que a cobiçosa preia do gentio  
tiver rasgado à força o continente.  
Ainda antes de saber dos vales,  
alheio ao fluxo dos caudais gigantes.  
Depois que não houver mais prostitutas  
à espera diante desse hotel de luxo.

À mesma mesa todos estarão reunidos.  
Os índios viverão em paz, no seu costume.  
Não haverá mais rei, nem clero, nem nobreza.  
Nenhum tesouro irá, por sobre o mar,  
quer seja fruto, rocha ou animal,  
encher as arcas de usurário ou cardeal.

O bacharel será como o artesão  
e aquele que já foi escravo um dia,  
ao lado do que era o seu senhor,  
serão de fato e de direito iguais.